

Fragmentos de memórias: interlocuções entre artista, obra e espectador

João Miot[1]
Marcelo Feldhaus[2]

Resumo: As questões aprofundadas neste artigo apresentam interlocuções envolvendo o artista, sua produção e o espectador a partir de fragmentos de memórias. O tema em questão é parte integrante de um estudo que discute a potência ou a ausência que uma imagem pode atingir no que se refere ao sensível, às percepções do indivíduo, às memórias, reativando lembranças que estavam arquivadas, ou esquecidas. A pesquisa teve como foco uma experiência pessoal enquanto artista visual no lar beneficente São Vicente de Paulo, localizado na cidade de Araranguá-SC. Foi realizada uma exposição de produções artísticas de minha autoria para os idosos que moram na instituição em questão e, por meio de rodas de conversas, foram coletadas e refletidas falas sobre suas experiências com a proposta. Foi observado o sentimento de entusiasmo do público, além da sensibilidade trazida à tona pela obra de arte, modificando a rotina dos idosos institucionalizados.

Palavras-chave: Memórias; Arte; Artista; Idosos; Apreciação Estética.

Memory fragments: interlocutions between artist, work and spectator

Abstract: The questions in this article present interlocutions involving the artist, his production, and the viewer from fragments of memories. The subject is an integral part of a study that discusses the potency or absence an image can attain in regard to the sensitive, the individual's perceptions, the memories, reactivating memories that were archived, or forgotten. The research focused on a personal experience as a visual artist at the São Vicente de Paul charitable home located in the city of Araranguá-SC. An exhibition of artistic productions of my own made for the elderly people who live in the institution in question, and through a conversation wheel, were evaluated their opinions. The enthusiasm of the public was observed, as well as the sensitivity brought to the surface by the work of art, modifying the routine of the institutionalized elderly.

Keywords: Memoirs; Art; Artist; Seniors; Aesthetic Appreciation.

No vai e vem do dia a dia muitas vezes acabamos deixando de lado coisas pequenas, que muitas vezes parecem insignificantes, armazenadas no esquecimento, e às vezes, para reativarmos essas lembranças, precisamos de um

[1]Licenciado em Artes Visuais pela Uniasselvi e pós-graduando em Teoria e História da Arte pela universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: joaomiot@hotmail.com

[2] Licenciado em Artes Visuais. Mestre em Educação pela da Universidade do Extremo Sul Catarinense e Docente do curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado –, da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: profmarcelo@unesc.net.

MIOT, João; FELDHAUS, Marcelo. Fragmentos de memórias: interlocuções entre artista, obra e espectador. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.151-164, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.*gov*.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



“choque”, algo que remeta àquilo que se ocultou nos fragmentos de nossas memórias. O ser humano utiliza-se de diversos dispositivos para cumprir essa tarefa e , em determinados momentos, precisa de um olhar mais atencioso para que tais dispositivos façam efeito, para que as informações ali presentes sejam assimiladas.

Eu, João Miot, pintor autodidata, artista em formação, experimentei diversas técnicas artísticas e estilos, no entanto nunca havia realizado uma leitura pessoal de minha poética. Foi então que em 2015, pintando uma série de retratos de personagens de filmes de terror, gênero o qual aprecio muito, consegui ter um certo reconhecimento na minha cidade (Araranguá); foi o ano também em que exerci a docência pela primeira vez em uma escola da rede municipal. Foi um período em que respirava novos ares e isso contribuiu muito para que eu pintasse freneticamente. No decorrer do ano me envolvi na organização de um evento cultural na cidade, o Garagem Cultural[33], ação que me mobilizou e influenciou no processo de criação das pinturas e da organização de minhas aulas enquanto professor de Artes.

Em 2016 busquei aprofundar meu conhecimento teórico no Curso de Especialização em Teoria e História da arte, visando ampliar meu repertório no fazer arte, entrar em contato com autores até então desconhecidos por mim e saber mais sobre o mundo da crítica artística. Foi então que ampliei esse repertório teórico para desenvolver minhas atividades com melhor fundamentação e percebi que a melhor maneira de chegar ao meu objetivo seria dialogando diretamente com o leitor, mostrando minha maneira de ver o acontecido, de fazer minha autocrítica aqui, expondo minhas ideias, relacionando-as com alguns fragmentos de memórias de colaboradores e autores do pensamento crítico

Segundo Dias (2013), esse método se chama a/r/tografia e o mesmo “se apropria de maneiras alternativas para produzir conhecimento, indo além do que já é feito nos outros modelos, inclusive, para que isso ocorra, a a/r/tografia privilegia

[3] Evento ocorrido no dia 24 de outubro de 2015, realizado por artistas da região nas dependências da Loja Marchè Gitan. Com apenas uma edição o evento teve boa repercussão saindo uma reportagem na revista local W3.

tanto a linguagem escrita, quanto a visual, construindo desta forma uma pesquisa híbrida, mestiça, cujos conhecimentos, oriundos de formas tão distintas, confluem-se"; desta maneira prossigo apresentando este artigo. Também faço uso de pesquisas bibliográficas para atribuir teoria ao meu estudo.

Neste mesmo ano ressurgiu uma vontade antiga, a de fazer algum trabalho em um asilo. Analisei as possibilidades de realizar uma exposição no local, direcionada para os idosos e comunidade. Essa parceria iria além, os artistas João Miot (eu), Jacilda Miot e Alexandre Rocha expuseram diferentes trabalhos na sala de festas local no período de 6 a 8 de maio de 2016.

No espaço eram expostas as obras organizadas por artistas; havia três pinturas a óleo de Alexandre Rocha no estilo cubista (Figura 01), as mesmas tinham como temática o carnaval, em contraste com elas havia os casarios em tinta óleo de Jacilda Miot, com cores mais terrosas, obras mais tradicionais e algumas experimentais como, por exemplo, a que faz uso de técnica mista (Figura 02).



Figura 1 – Obras de Alexandre Rocha (2016)
Fonte: Dado do autor



Figura 2 – Obras de Jacilda Miot (2016)
Fonte: Dado do autor

Os trabalhos de minha autoria eram telas com retratos em tinta acrílica, com cores vibrantes e fotografias de cenas da região (Figura 03); eu desempenhei a função de mediador entre público e obras, dando breves explicações ou aprofundando diálogos com os idosos e pessoas da comunidade. No total havia 14 telas e 17 fotografias para apreciação dos visitantes.





Figura 3 – Obras de João Miot em contato com visitantes (2016)
Fonte: Dado do autor

O lar de idosos, em seu cotidiano, é um tanto quanto monótono, apesar das atividades realizadas no local, as quais tive a possibilidade de presenciar nos dias em que fiz observação, anteriormente ao evento. É um lugar de certa forma sombrio, no qual vagam mentes já cansadas, por vezes esquecidas, porém vivas, à espreita de um estímulo, de atenção, de cuidado.

Sabe-se que ao chegar na terceira idade, observa-se um declínio cognitivo, porém a estimulação da memória pode ser um fator protetor para essa alteração (ESQUERDO, 2011). Acredita-se que a estimulação da memória através de cores, imagens, pinturas possa ajudar essas pessoas e, de fato, a exposição artística no asilo proporcionou aos idosos um espaço para resgatar suas memórias culturais, além de estimular a imaginação e o pensamento, contribuindo assim para a qualidade de vida dessas pessoas.

A aplicação de meios culturais, além de atuar na memória, ajuda na mudança da rotina dessas pessoas, estimulando o sorriso, o sentimento de alegria, sobrepondo os pensamentos ruins como o final da vida e a tristeza que pode ser originada do sentimento de abandono.

Os dias que passei ali foram pesados para mim, pois as imagens que presenciei me remeteram a momentos que passei na vida com meu avô, momentos esses que começaram a ter mais relevância a partir de 2002, ano em que meu avô

veio morar na mesma residência que eu, meus irmãos e pais. Os laços foram estreitados com essa relação mais próxima, no entanto, as memórias são vagas, meu avô não era muito de contar suas vivências e eu em minha adolescência não me importava muito com essas coisas, porém participava ativamente dos cuidados dele, já que meu pai é caminhoneiro e meu irmão mais velho estudava e trabalhava durante todo o dia. Na época, meu avô era uma pessoa difícil de se lidar, para todos entrarem na nova rotina foi desgastante, minha mãe (nora do seu Amélio) o ajudava com as atividades diárias, normalmente ele acordava muito cedo e ia com o auxílio de sua bengala para o armazém a duas quadras de casa e ali ficava observando o movimento. De lá sempre trazia um chocolate antes do almoço e entregava a mim e aos meus irmãos. Conflitos familiares surgiram nesse período, sobre as responsabilidades dos filhos dele e em 2005 meu avô faleceu deixando uma lacuna, uma sensação de que eu deveria ter aproveitado mais; talvez isso se deva ao fato de ser um tanto fechado; no entanto, dentro de mim esses momentos foram revisitados.

Percebi que essas experiências me revigoravam ao ver o sorriso nos semblantes de alguns, o olhar de curiosidade e espanto em outros. Cativaram-me, mobilizaram meu sorriso, porque ali eu vi que minha arte encontrava potência, presença, além do que eu imaginava; aquelas pinturas foram feitas na base da experimentação em interlocução com momentos que guardava em minhas memórias e que agora dividia com todos aqueles olhares atentos dos quase 30 idosos. A tela The King (Figura 04) reativou a memória de um idoso cadeirante em tempos nos quais ele dançava ao som do cantor, e disse sorrindo: *"Me diverti muito ao som desse cara...".* (Depoente 01)



Figura 4 – The King (2016)
Fonte: Dado do autor

No entanto, o que mais me marcou foi o Sr. Belo, (Depoente 02) que usava uma camisa polo laranja com seu codinome pintado a pincel e que com muito entusiasmo vagava pela sala expositiva olhando obra por obra até chegar ao painel de fotografias, fotos as quais tirei na cidade de Araranguá, no Distrito de Ilhas e outras localidades (Figura 05); naquele local da exposição eu tirei uma fotografia do Sr. Belo (Figura 06) em frente ao meu trabalho, sorridente com aquele momento.



Figura 5 – Imagem de Ilhas por João Miot (2013)
Fonte: Dado do autor



Figura 6 – Sr. Belo posando para foto em exposição (2013)
Fonte: Dado do autor

MIOT, João; FELDHAUS, Marcelo. Fragmentos de memórias: interlocuções entre artista, obra e espectador. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.151-164, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.*gov*.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



Independentemente dos traços físicos, aquela pessoa me remeteu fortemente ao meu avô e isso desencadeou um montante de sensações, parecia que um vazio crescia dentro de mim e aquele semblante carinhoso me trouxe um conforto momentâneo, mas que, ao imaginar o destino do meu avô e do ser humano de uma forma geral, me colocou a refletir sobre as dificuldades de lidar com a perda.

Georges Didi-Huberman, em seu livro “O que vemos, o que nos olha”, destaca:

> Um esvaziamento que de modo nenhum concerne mais ao mundo do artefato ou do simulacro, um esvaziamento que aí, diante de mim, diz respeito ao inelutável por excelência, a saber: o destino do corpo semelhante ao meu, esvaziado de sua vida, de sua fala, de seus movimentos, esvaziado de seu poder de levantar os olhos para mim. E que no entanto me olha num certo sentido – o sentido inelutável da perda posto aqui a trabalhar. (2014, p. 37)

A fotografia que eu tirei do vô Belo foi no momento só uma forma de registrar os acontecimentos da exposição, não imaginava que futuramente ela pudesse ter um poder tão forte sobre mim, que fizesse parte de uma reflexão particular sobre o destino de todos nós, que até mesmo influenciasse trabalhos posteriores. O momento em questão se dá na aula de pós-graduação, em 2017, em meio a uma apresentação de um trabalho de narrativa visual, em que organizei algumas imagens de determinados momentos da minha vida para tentar explicar o trajeto da minha carreira na arte. No entanto, deparar-me com uma imagem do meu avô comigo em seus braços e em seguida olhar para a imagem do vô Belo bastou para que os sentimentos transbordassem dentro de mim e a mente reativasse flashes de memórias,

No entanto, a lembrança desse momento só pertencia as minhas memórias e agora divido com todos os leitores deste artigo. Ao revisitar, em 2018, o Lar Beneficente (Figura 07) com o intuito de entrevistar o vô Belo, fazer-lhe algumas perguntas relacionadas sobre quais os efeitos que aquelas imagens desertavam sobre ele, levei um choque, não conseguimos conversar a respeito devido à ausência dessas lembranças para ele, sintomas da doença do Alzheimer que



incapacitou essa relação; eu era um estranho para ele. Naquele instante em que vi o vô Belo esforçar-se para recordar desses momentos sem sucesso, em mim brotava o medo de ver lembranças se apagarem.

> Notar-se-á que há nessa atitude uma espécie de horror ou de denegação do cheio, isto é, do fato de este volume, diante de nós, estar cheio de um ser semelhante a nós, mas morto, e deste modo cheiro de angústia que nos segreda nosso próprio destino (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 38).

O trecho acima do livro de Didi-Huberman,"O que vemos, o que nos olha", sintetiza bem o acontecido; a minha frente o vô Belo, na sua mesma fisionomia, mas vazio, vazio de memórias recentes, na realidade não morto, mas parte de suas memórias se esvaíram. E toda essa situação me trouxe mais perguntas que respostas e muito do que refleti sobre o ser humano, as aflições que cercam todos nós.

MIOT, João; FELDHAUS, Marcelo. Fragmentos de memórias: interlocuções entre artista, obra e espectador. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.151-164, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.*gov*.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



Figura 7 – Vista do corredor do Lar de Idosos (2018)
Fonte: Dado do autor

Essa sensibilidade trazida à tona pela obra de arte pode atingir outras pessoas que entram em contato com tal trabalho, ou seja, penso que a obra de arte, depois que lançada para a apreciação do público, sai do controle, se emancipa em relação ao seu criador devido às infinitas possibilidades de interpretação que pode receber por parte de seus espectadores. E nessas reflexões podem surgir novos olhares sobre situações já vividas, assim "[...] a memória não é um instrumento que serviria ao reconhecimento do passado, mas que é antes o meio deste". (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 175). Vejo isso como parte da experiência vivida, nesse



desenrolar da memória chegamos a um momento que marca. “ A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma ante experiência”.

Num mundo bombardeado por informações, momentaneamente acabamos virando seres superficiais. E como citado já no início deste trabalho, o tal vai e vem do dia a dia nos deixa anestesiados, de uma maneira que praticamente não temos mais experiências a serem sentidas; digo isso por experiência própria, esse fato ocorrido no lar de idosos me despertou para a realidade, para que buscasse minha essência no meu próprio ser, no entanto acabei me deixando levar novamente. Atualmente procuro me reencontrar a partir desse acúmulo de informações, preciso garimpar, organizar tudo isso para que possa seguir adiante.

O que quero dizer é que quando olhamos mais atenciosamente as coisas e fazemos reflexões sobre elas, vemos os detalhes de cada situação, começamos de modo automático a ressignificar coisas que antes não tinham tanta importância. E tenho a memória como uma das poucas coisas que servem de alento, pois saber que isso é a única coisa que resta de nós, ou seja, quando partimos deixamos nossas marcas em outras pessoas, tal fato da complexidade de trabalhar essa parte do ser é uma mistura de sentimentos estranha, ao mesmo tempo que conforta, nos esvazia, um vazio do inelutável como o de Didi-Huberman, em que não podemos fazer nada além de aprendermos a conviver com isso.

MIOT, João; FELDHAUS, Marcelo. Fragmentos de memórias: interlocuções entre artista, obra e espectador. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.151-164, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.*gov*.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



Referências:

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.*Rev. Bras. Educ.***,** Rio de Janeiro, v. 12, n. 19, 2002 . Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf > Acesso em: 08 Maio 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos que nos olha.* São Paulo, 34, 1998.

DIAS, Belidson. IRWIN, Rita (org). *Pesquisa educacional baseada em arte*: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013

ESQUERDO, I. *Memória.* Porto Alegre: Artmed, 2011.

FELDHAUS, Marcelo. *Pele, órgãos e pensamentos de um corpo-professor:* traços iniciais de uma intenção de pesquisa . CRIAR EDUCAÇÃO, Criciúma, v.7, n.1,p.1-12, 2018. Disponível em: http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/4168/3880